

MAMÃEZINHAS QUERIDAS

Marcello Xavier
Da equipe do **Correio**

Antes eram duas famílias, mas a partir de agora querem ser uma só. Nem se conheciam, mas as duas mulheres estavam grávidas e tiveram bebês no mesmo dia, no mesmo hospital — o Regional da Asa Norte (Hran). Só que as crianças foram trocadas e há uma semana destrocadas. Aos 7 meses de idade, Rosalina e Marina vão entrar o Ano Novo com os pais biológicos.

O drama dos casais Maria José Queiroz de Sousa e José Victor Tobias Lima e de Antônia Maria Oliveira Sousa e Abdias de Castro Filho chega ao fim. As suas filhas — nascidas no dia 30 de maio e trocadas no berçário — já passaram o Natal ao lado das famílias verdadeiras.

Os pais de Marina, Maria José e José Victor, mudaram-se do Cruzeiro para Valparaíso, dispostos a ficar perto da menina que foi filha deles por sete meses. Pelos menos uma vez por semana os seis personagens dessa história de desencontro vão estar juntos, acompanhados por psicólogos do Hospital Materno Infantil de Brasília (Hmib).

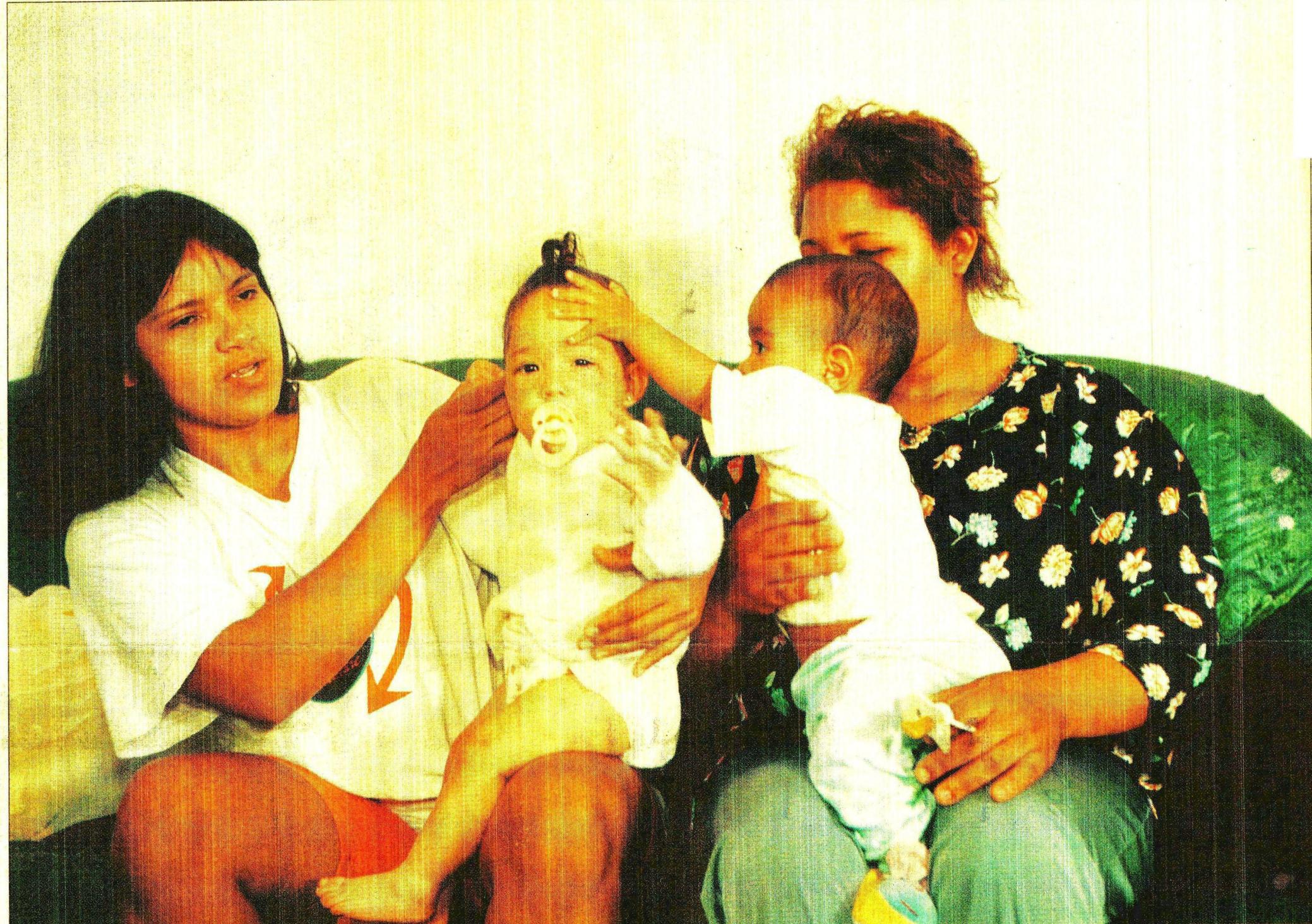
“É muito interessante. Depois que começamos a nos conhecer descobrimos tantas coincidências entre nossas famílias. Começa pelos nomes das mães: todas têm Maria no nome. Há semelhança no nome das meninas: Rosalina e Marina. Soa igual. Mais. Descobrimos que temos famílias no Piauí. Senão bastasse, tem um irmão meu que se hospeda numa pousada de um primo do José Victor em Teresina”, conta Abdias.

“Agora, temos duas filhas”, brinca Maria José, enquanto mima Marina. “Fico feliz que a destroca aconteceu rápido. Sóbe de outros casos em que a troca só foi descoberta anos depois. Assim é muito mais complicado”, comenta Antônia, abraçada a Rosalina. Os casais ainda não decidiram, mas planejam passar a virada de 1998 para 1999 juntos.

A troca no Hran só foi confirmada seis meses depois do nascimento das crianças por meio de testes de DNA. Com base no resultado dos exames, a Promotoria da Infância e da Adolescência começou o processo de destroca, acompanhado de perto por uma equipe de psicólogos do Hmib. O primeiro encontro dos pais com as filhas biológicas ocorreu no início deste mês.

“Estamos muito bem. Foi o melhor presente deste ano”, comemora Maria José. A dona de casa conta que o início da aproximação foi muito difícil porque as crianças es-

Ronaldo de Oliveira



Maria José com Rosalina no colo e Antônia Maria, com Marina, aproximaram as famílias para ter os dois bebês sempre por perto, mas ainda misturaram os sentimentos de alegria e tristeza

tranhavam os pais biológicos. Marina e Rosalina choravam muito nos braços das mães verdadeiras. Mas, aos poucos, o instinto materno deu lugar à rejeição. “Ainda não tenho amor de mãe por essa criança. Entendam que não é uma rejeição. É uma coisa normal do processo de adaptação”, diz Maria José.

Os pais José Victor e Maria José já deram o primeiro passeio com a filha Marina. A família esteve em um shopping da cidade com o bebê antes do Natal. “Foi muito engraçado. Ela morreu de medo de andar de elevador”, conta a mãe, sorridente. A ceia de Natal aconteceu na casa de uma prima de Victor, no Setor Octogonal. Os parentes encheram a menina de carinho e, claro, de presentes, muitos presentes.

“AINDA NÃO TENHO AMOR DE MÃE POR ESSA CRIANÇA. ENTENDAM QUE NÃO É UMA REJEIÇÃO. É UMA COISA NORMAL DO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO”

Maria José Queiroz de Sousa
mãe de Marina

“A FELICIDADE É GRANDE. RUIM POR UM LADO. BOM POR OUTRO”

Antônia Maria Oliveira Sousa
mãe de Rosalina

A alegria também bateu à porta de Antônia e do cabo da Polícia Militar Abdias às vésperas do Natal. “Está sendo maravilhoso. Mais que bom”, diz o policial, aliviado, depois de ter a vida tumultuada desde que descobriu a troca. O problema o fez sair do policiamento das ruas para trabalhar no setor administrativo do 2º Batalhão de Polícia Militar (Taguatinga) e fumar três carteiras de cigarros por dia.

“A troca teria sido evitada se as enfermeiras tivessem ouvido a minha mulher sobre a falta da pulseira de identificação da minha filha”, desabafa Abdias, que

sempre que está em casa de folga não larga a filha. A pequena Rosalina também faz a alegria de Lorran, 5 anos, primeiro filho do casal. “É de admirar, mas Lorran não estranhou tanto quanto imaginava.”

“A felicidade é grande. Ruim por um lado. Bom por outro”, opina Antônia, com a filha biológica Rosalina nos braços. Ela conta que ainda chora muito com saudades de Marina, a filha trocada, com quem conviveu durante sete meses. “Chorei muito na noite de Natal.” Apesar desse misto de tristeza e alegria, Antônia diz que a adaptação tem bons progressos e o bebê não a estranha mais.

Para facilitar o processo de aproximação entre as famílias e a adaptação dos bebês às mães biológicas, a promotoria orientou Maria José e José Victor, pais de Marina, a deixar o Cruzeiro Novo e mudar para Valparaíso (GO), onde agora mora Rosalina, filha de Abdias e Antônia. Os casais estão a cerca de 500 metros de distância um do outro, no Condomínio Morada Nobre.

As duas famílias já planejam o batizado dos bebês. Abdias terá um pouco mais de trabalho porque a filha Rosalina já havia sido batizada. Ele e a mulher, Antônia, procuraram uma igreja próxima de casa, contudo, o padre informou que apenas o Papa João Paulo II pode anular o primeiro batismo. “Vamos tentar a anulação”, diz o policial militar.